

# TEMPLOS, CROCODILOS E MÚMIAS: EX-VOTOS DE SOBEK DA COLEÇÃO DO MUSEU NACIONAL<sup>1</sup>

Moacir Elias Santos<sup>2</sup>

Martha Locks<sup>3</sup>

**RESUMO:** No antigo Egito muitas espécies da fauna eram identificadas como manifestações dos deuses na terra. Isto se devia ao comportamento dos animais, aparentemente incomum, que era explicado pela ótica mitológica. Neste sentido, os crocodilos foram escolhidos como a forma de Sobek. Para este deus inúmeros templos e santuários foram erigidos e desses locais, bem como de outras fontes, provêm diversas informações acerca do culto aos animais considerados divinos e daqueles que não possuíam o mesmo status. Nesta última categoria estão os crocodilos embalsamados que eram oferecidos como ex-votos, ou seja, eles eram criados nos templos para serem sacrificados, mumificados e vendidos a peregrinos que os ofereciam, na esperança de terem suas preces atendidas. Por séculos essa prática religiosa produziu milhares de múmias que eram inumadas em necrópoles específicas. Quando os exploradores e arqueólogos as descobriram nos séculos XIX e XX as múmias foram espalhadas por inúmeros museus de todo o mundo. No Brasil, o Museu Nacional também herdou uma pequena coleção, que foi obtida através de compra pelo Imperador D. Pedro I. Tais exemplares, juntamente com as demais múmias de animais, tornaram-se objeto de nossa pesquisa. Assim, este artigo visa “contextualizar” os referidos crocodilos através da investigação do deus a quem eles foram oferecidos, seus locais de culto, o tratamento que receberam e as práticas de embalsamamento a que foram submetidos.

**ABSTRACT:** In ancient Egypt many species of the fauna were identified as manifestations of gods on earth. This happened because of the animal's behavior, apparently uncommon, that was explained by the mythological view. In this sense, the crocodiles had been chosen as the form of Sobek. For this god many temples and sanctuaries had been erected and from these places, as well as of other sources, comes many informations concerning the cult to the animal considered as a deity and of that ones that do not have the same status. In this last category are the embalmed crocodiles that were offered as votive mummies, that is, they were raised in the temples to be sacrificed, mummified and sold to the pilgrims who offered them, in the hope to have its desires attended. For many centuries this religious practices produced thousand of mummies that were buried in specific necropolises. When the explorers and archaeologists had discovered them in XIX and XX centuries the mummies were spread for innumerable museums of the whole world. In Brazil, the National Museum also inherited a small collection, which was gotten through purchase by the Emperor D. Pedro I. Such units, together with the other animal mummies, had become object of our research. Thus, this paper aims to look for “the context” of the cited crocodiles through the inquiry of the god to who they had been offered, its places of cult, the treatment that had received and practical of embalming that they had been submitted.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Egiptologia; múmias; crocodilos.*

**KEY WORDS:** *Egyptology; mummies; crocodiles.*

## Introdução

Dentre os animais da fauna egípcia que causaram mais temor aos habitantes do Vale do Nilo, o crocodilo – *Crocodylus niloticus* (Laurenti, 1768) – possuía grande destaque. Pescar,

<sup>1</sup> Artigo publicado originalmente na Revista Uniandrade. Referência: SANTOS, M. E. & LOCKS, M. Templos, crocodilos e múmias: ex-votos de Sobek da coleção do Museu Nacional. In: *Revista Uniandrade: Especial História*. Curitiba, v. 6, 1, janeiro-junho 2005, p. 29-48.

<sup>2</sup> Arqueólogo, Mestre em História Antiga pela Universidade Federal Fluminense. Professor e Pesquisador do Departamento de História da UNIANDRADE.

<sup>3</sup> Bióloga, pesquisadora do Setor de Arqueologia do Museu Nacional – UFRJ.

lavar roupa, coletar argila, tomar banho, retirar água do rio, ou mesmo permanecer próximo a ele eram ações que exigiam uma observação constante. Qualquer extensão de água, seja junto às margens, ou mesmo nos canais que derivavam destas, poderiam conter muitos animais. Tal situação pode ser observada no “*Conto dos Dois Irmãos*”, contido no papiro d’Orbiney (Museu Britânico, 10183). Na história, Anup e Bata eram irmãos que acabaram brigando devido a um pseudo-assédio de Bata para com a mulher de Anup. Bata acabou por fugir do irmão, que havia acreditado na versão mentirosa da esposa. Para não ser morto ele então recorreu ao deus Pa-Ra-Hor-Akhety (isto é, “Este Ra-Hórus dos dois Horizontes”):

*“Ó, meu bom senhor, sê o juiz entre o culpado e o inocente!” E Pa-Ra ouviu toda essa súplica e fez (surgir) uma grande (extensão de) água entre ele e seu <irmão> mais velho, infestada de crocodilos. Assim um deles ficou de um lado e o outro no outro. (ARAÚJO, 2000: 86)*

A separação dos irmãos pela presença dos crocodilos na água assegurou que Bata continuasse vivo na história. Mas as referências ao réptil são muito mais antigas que essa passagem da XIX dinastia (c. 1307-1196 a.C.)<sup>4</sup>. Encontram-se vestígios arqueológicos com representações do crocodilo desde o período Neolítico. No Pré-dinástico, artefatos da cultura Naqada I e II (c. 4000-3100 a.C.) conservados no Museu do Cairo mostram figuras esculpidas e pintadas do animal em pedra, cerâmica<sup>5</sup> e outros materiais. Nos relevos que retratam a vida no Nilo, presentes nas mastabas do Reino Antigo (c. 2575-2134 a.C.), há entre os animais da fauna aquática imagens de crocodilos. Esses aparecem estáticos, atacando bovídeos ou outros animais que estão na água e, ainda, em cenas de lutas, onde o animal permanece em desvantagem na boca de um hipopótamo.

Os crocodilos também podem ser encontrados em artefatos relacionados à magia egípcia, possuindo diferentes significados. Por exemplo, nos bastões mágicos<sup>6</sup> há cenas com diversas criaturas míticas ou reais, entre as quais o crocodilo associado ou não à deusa Taueret, que tem a função de proteção. Essa peça era utilizada para desenhar círculos no chão que, segundo os egípcios, resguardavam quem estava em seu interior contra forças malignas. Em um outro

---

<sup>4</sup> Optamos por seguir a cronologia de BAINES, J. & MÁLEK, J. O mundo egípcio: deuses, templos e faraós, 1996, pp. 36-37, v.1.

<sup>5</sup> Ver TIRADRITTI, F. (Org) Tesouros do Egito do Museu Egípcio do Cairo, 1998, pp. 34-35;

<sup>6</sup> Ver ALLEN, J. P. The Art of Medicine in Ancient Egypt, 2005, pp. 28-30; BRIER, B. Ancient Egyptian Magic, 2001, pp. 48-49.

artefato, o *cippus*<sup>7</sup>, um tipo de estela mágica que apresenta textos que tinham o poder de transformar a água que era vertida sobre a peça em um antídoto mágico, o jovem deus Hórus é representado em pé pisando em dois crocodilos. Aqui o significado é justamente o inverso dos bastões mágicos: o crocodilo está subjugado e é encarado como um animal nocivo.

Referências aos crocodilos, como se pode verificar até o presente, são bastante diversas nas fontes textuais, arqueológicas e iconográficas. Tais fontes podem ser encontradas não só no Egito, mas praticamente em todos os museus ou coleções de antiguidades egípcias que se encontram espalhadas pelo mundo. No Brasil, encontramos um pequeno conjunto formado por múmias de crocodilo no acervo do Museu Nacional/UFRJ. Quando tivemos acesso aos exemplares, que não haviam sido pesquisados detalhadamente, nossos interesses foram diversos. Embora tais múmias fossem desprovidas de um contexto arqueológico, pretendemos “contextualizá-las” a partir do presente estudo. Busca-se aqui apresentar quem era o deus a quem os animais foram dedicados, as localidades onde encontramos vestígios do crocodilo, como era o culto e a devoção popular com esses animais e, por último, a origem e as análises dos exemplares, bem como algumas considerações acerca dos mesmos.

### **Sobek: o Deus-Crocodilo**

A atual localidade de Dendera, chamada Tentryris na época Ptolomaica (c. 332-30 a.C.), era conhecida pelos egípcios como Ta Iunut, ou o sexto nomo do Alto Egito. Seu símbolo era a imagem de um crocodilo sobre um estandarte, cuja cabeça aparecia encimada por uma pluma. Tal representação escolhida estava relacionada a uma prática da religião egípcia que encontrava no reino animal características que surpreendiam, sendo ao mesmo tempo admiradas ou temidas, e que só poderiam ser explicadas sob a ótica de algum mito. Logo no início do período dinástico, no início do Terceiro Milênio a.C, os deuses também passaram a serem representados com o corpo humano e com as cabeças de animais. Embora tais imagens tenham permanecido praticamente imutáveis, elas não expressavam a real aparência dos deuses, apenas ilustravam os atributos que os caracterizavam.

Na religião egípcia, uma das primeiras aparições do crocodilo como deus, chamado Sobek, nas fontes textuais foi registrada nos *Textos das Pirâmides*. Sobek era filho da deusa

---

<sup>7</sup> Ver LECA, A. P. *La Médecine Égyptienne au Temps des Pharaons*, 1988, pp. 73-77; ALLEN, J. P. *The Art of Medicine in Ancient Egypt*, 2005, pp. 49-64.

Neit-Mehit-Uret, ou “Neit a grande inundação”, representada como uma grande vaca. Dentre os aspectos de Sobek são comuns duas formas: antropozoomorfa e zoomorfa. Respectivamente, um homem com cabeça de crocodilo e um crocodilo em repouso, ou apoiado sobre um pavilhão divino. Entre seus atributos estão a coroa, formada por um par de plumas (daí o epíteto “verde de penas”) sobre chifres caprinos com o disco solar, acompanhado ou não, por duas serpentes-*uraeus*, e o cetro-*uas* e o símbolo-*ankh*, às mãos. As representações antropozoomorfas também apresentam a divindade com uma peruca tripartite, o que quase não ocorre nas estatuetas de crocodilo. Variações dos atributos de Sobek com outros deuses se vêem a partir da associação solar, somente após o Reino Médio (c. 2040-1640 a.C.). A estela de um homem chamado Iry, da XVIII dinastia (c. 1550-1307 a.C.), pertencente ao acervo do Museu de Luxor, nos mostra o proprietário em adoração ao deus com cabeça crocodiliana, coroado com o disco solar com o *uraeus* do deus-sol Ra. Trata-se uma clara representação de Sobek-Ra.

Uma outra forma de representação do deus-crocodilo, contudo menos comum, é a hieracocéfala, isto é, com o corpo de um crocodilo e a cabeça de um falcão. Há estatuetas dessa divindade nos museus do Cairo<sup>8</sup>, no Metropolitano de Arte de Nova Iorque e no do Brooklyn, entre outras instituições. Contudo, essa forma talvez represente Soknopaios, uma forma grega de “Sobek da Ilha” (PAYSAS, 1989: 30).

Ainda nos *Textos das Pirâmides*, pode-se conhecer os epítetos da divindade e, através desses, algumas de suas características. O de número 317, localizado na entrada da antecâmara (parede esquerda) da pirâmide de Unas (c. 2356-2323 a.C.), traz uma referência do rei identificado como o deus Sobek:

*“Unas surgiu hoje da inundação transbordante, Unas é Sobek, verde de plumas,  
vigilante, alerta, o feroz saído das pernas e da cauda do Grande Radiante.  
Unas veio de seus córregos  
Na terra da grande inundação transbordante,  
Para o assento do contentamento  
O que mente, pastadas verdejantes, na terra luminosa  
Que Unas possa trazer o verdejar para o Grande Olho em seu campo  
Unas toma o seu assento na terra luminosa  
Unas se levanta como Sobek, filho de Neith;  
Unas come com sua boca,  
Unas gasta a água, gasta a semente com seu falo;  
Unas é o senhor da semente que toma as esposas de seus maridos,*

---

<sup>8</sup> Ver HORNUNG, E. & BRYAN, B. M. *The Quest for Immortality: Treasures of Ancient Egypt*, 2002, p. 188.

*Sempre que Unas tem desejos, porque seu coração incita.” (LICHTHEIM, 1975: 40)*

Adjetivos epítetos do deus, tais como, “vigilante”, “alerta” e “feroz” mostram as características do crocodilo. Já as referências acerca do surgimento do rei (entenda-se Sobek) emergindo das águas, apresentam-no como responsável pela inundação e, conseqüentemente, pelo verdejar dos campos agrícolas. Nessa imputação de deus renovador, Sobek é, por vezes, associado a Osíris. Seu apetite voraz é refletido nos epítetos “senhor da semente” e “que toma as esposas de seus maridos”, que estão diretamente ligados à fertilidade e à reprodução.

Outro epíteto relacionado a Sobek era “Senhor de Bakhu”, cuja descrição e conteúdo foram registrados no Encantamento 108 do *Livro dos Mortos*:

*“Quanto à montanha de Bakhu na qual o céu descansa, ela está no leste do céu; ela tem trezentos cúbitos de comprimento e cento e cinquenta cúbitos de largura. Sobek, Senhor de Bakhu, está no leste dessa montanha; seu templo é de cornalina.” (ALLEN, 1974: 85).*

Na época Ptolomaica e no período Romano (c. 30 a.C. - 395 d.C.) o deus passou a ser conhecido como Suchos. Contudo, ao mesmo tempo, o deus teve diversas manifestações locais, tais como: “Stotoes, Penebtunis, Petesuchos, Soknopaios, Soknebtunis, Soknobraiseis, Soknobkonnis, Sokonopis, Sometis, Soknemunis, Sosis e Sokonieus” (BRESCIANI, 2005: 202).

### **Vestígios do deus-crocodilo: templos, múmias e ovos**

O culto ao crocodilo teve um grande desenvolvimento ao longo de todo o período histórico egípcio, em especial durante o Reino Médio, quando uma rainha<sup>9</sup> e diversos faraós<sup>10</sup> adotaram o nome do deus. Sobek tornou-se deus dinástico, ou seja, aquele que estava associado aos faraós. São também do mesmo período os primeiros santuários dedicados a ele. Contudo os vestígios do culto de Sobek são mais numerosos no Reino Novo (c. 1550-1070 a.C.), notadamente no Reinado de Amenhotep III (c. 1391-1353 a.C.) em diante. Na vila de Sumeru (al-Mahamid al Qibli) havia um templo dedicado a Sobek, onde um crocodilo era mantido como representante divino. Numerosas estelas, tal como a de Iry que tratamos anteriormente, e estátuas

---

<sup>9</sup> Trata-se de Neferusobek (c. 1787-1783 a.C.).

<sup>10</sup> Respectivamente: Sobekhotep I (c. 1750 a.C.); Sobekhotep II; Sobekhotep III (c. 1745 a.C.); Sobekhotep IV (c. 1730-1720 a.C.); e Sobekhotep V (c. 1720-1715 a.C.).

votivas de crocodilos ou de egípcios ofertando imagens de crocodilos, foram descobertas em uma escavação em 1967 e, atualmente, encontram-se expostas no museu de Luxor. Dentre os achados mais significativos, destaca-se uma estátua de calcita do rei Amenhotep III em pé ao lado do deus Sobek entronizado, com 256,5 centímetros de altura.

Posteriormente, desde o Período Tardio (c. 712-332 a.C.) até a Época Romana, diversas cidades e vilas erigiram templos dedicados ao crocodilo. O de Kom Ombo, em especial, foi construído para duas divindades: Sobek e Haroeris. O santuário sudoeste do templo foi destinado ao crocodilo e possui, em seu interior, um grande pedestal de granito para a barca divina. No templo, Sobek dividia a atenção dos sacerdotes com a deusa consorte Senetnefer (literalmente a “boa irmã”) e seu filho Panebtauy (“Este Senhor das Duas Terras”), que na realidade era o próprio rei (CLARYSSE, 2004: 232). No axis do templo, logo atrás do santuário duplo os egípcios que não tinham acesso ao interior poderiam ficar próximos aos deuses. Um relevo com três registros, sendo o inferior mais significativo, mostra Sobek e Haroeris direcionados para uma cena onde se vê:

*“quatro asas circundando uma figura alada de Maat, a deusa da justiça, um santuário com uma figura de Maat, colocada frontalmente, cercada por um texto hieroglífico salientando dois grandes olhos-udjat e duas grandes orelhas; um longo hino em hieróglifos explicando que aqui o deus estava presente para ajudar as pessoas, ‘vendo tudo, com muitas orelhas, escutando aqueles que o evocavam’” (CLARYSSE, 2004: 234)*

As tumbas dos crocodilos em Kom Ombo estão centradas em um grande cemitério, cuja escavação nos anos de 1970 não gerou nenhuma publicação. Na atualidade, três múmias de crocodilos são mantidas no templo (santuário de Háthor). Os dois grandes exemplares que estão no museu do Cairo também são provenientes desse sítio.

Em Elkab o templo principal foi dedicado à deusa-abutre, Nekhbet, e ao deus Sobek. Os nichos escavados nas rochas das redondezas e as tumbas de diversos períodos foram utilizados como locais de inumação para os crocodilos sagrados. Um pouco mais ao norte de Elkab, está localizada Esna, em cuja parte central localiza-se o templo dedicado a Khnum. Contudo, nesse santuário, a antiga deusa de Saís, Neit, e seu filho o deus-crocodilo, Sdjema Nefer, também eram foco de adoração, tais como nos mostram numerosos relevos de uma figura real cultuando essas

divindades. Em uma área próxima do deserto também foram encontradas múmias de crocodilos (CLARYSSE, 2004: 222).

No Fayum, a mais importante cidade do culto de Sobek era Crocodinópolis (atual Medinet el-Fayum). O templo principal data da era faraônica, tendo sido iniciado na XII dinastia (c. 1991-1783 a.C.). Durante a XIX passou por restaurações, mas foi durante o Período Tardio e Ptolomaico que o muro foi construído ao redor do complexo. Nessa cidade o deus-crocodilo era considerado “aquele que emergiu das águas primordiais, (...), o senhor das ilhas flutuantes” (PINCH, 2005: 200), ou seja, uma clara alusão ao demiurgo que criou o mundo a partir do outeiro primitivo. A própria geografia do Fayum, dominada por um extenso lago, também contribuiu para a elaboração do mito cosmogônico, pois as águas do lago foram associadas ao oceano primordial, o Nun.

Outras cidades próximas também tiveram templos dedicados ao deus. Em Bacchias (Kom el-Asl) há um templo de pedra dedicado a Soknobneus (RATHBONE, 2005: 135), outra forma de Sobek. O templo foi escavado e revelou diversas estruturas edificadas ao longo do tempo, na época Ptolomaica e no período Romano. Em Karanis (Kom Aushim), durante o governo de Nero (c. 54-68 d.C.), o templo sul foi dedicado aos deuses-crocodilos Petesouchos e Pnepheros. Construído em estilo egípcio, ele é formado por pilones, por uma grande sala de entrada que conduz a duas salas-santuários, que por sua vez contém salas anexas e nichos (RATHBONE, 2005: 131). Esses, talvez, servissem para guardar as múmias dos crocodilos que eram utilizadas em cerimônias. Já o templo norte, de menores proporções, foi provavelmente dedicado a Soknopaios, embora não contenha nenhuma inscrição em suas paredes.

Na cidade de Soknopaiou Nesos (Dimai) existem ruínas de um templo que foi reconstituído mais de uma vez, feito de pedras, tijolos de barro e, também, por blocos provenientes de outro templo. Esse santuário era dedicado a uma forma do deus Sobek. Nos cemitérios greco-romanos localizados a sudoeste e a noroeste da cidade, foram encontradas diversas múmias de crocodilos.

O sítio de Dionysias (Qasr Qarun) possui um templo ptolomaico de pedra calcária em estilo egípcio, de formato retangular, que havia sido local de culto de Sobek. O portal é decorado e nas laterais há ornatos cilíndricos, com cornijas na parte superior. Na parte térrea há três salas, ladeadas por câmaras anexas que conduzem ao santuário. Nesse ponto há três nichos, sendo que o central conteria um crocodilo sagrado. No piso superior, acessado por meio de dois lances de

escadas, a sala que precede o santuário contém um relevo de um rei ptolomaico, em face de uma representação de Sobek. Desenhos desse templo, bem como sua planta baixa, estão detalhados na obra napoleônica *Description de l'Égypte*<sup>11</sup>. Outro templo presente, de menores proporções, foi construído nessa cidade durante o Período Romano, igualmente erigido em devoção ao deus Sobek.

Em Teadelphia havia um templo dedicado a Pnepheros. Seu pilone externo, feito de pedra, estava próximo a duas estátuas de leões. No interior havia um pilone e o santuário que, posteriormente, foram transferidos para o museu de Alexandria. Outras peças expostas, como o portão do templo, datado de 137 a.C., e um crocodilo embalsamado, também são provenientes desse sítio. Particularmente interessante é o andor que sustenta a referida múmia no museu. Trata-se de um objeto que servia para carregar o crocodilo durante as cerimônias. Essa afirmação pode ser confirmada por uma pintura conservada no referido santuário, onde sacerdotes conduzem o andor com uma múmia de um crocodilo sagrado.

Em Tebtunis (Umm el-Breiqat) o sítio possui um templo para o culto de Soknebtunis (Suchos Senhor de Tynis) situado na área sudoeste. Parte desse santuário data da época Ptolomaica, contudo diversas estruturas foram substituídas durante o período Romano. Um vestíbulo a céu aberto construído por Ptolomeu XII, ou por Augusto, contém relevos que representam uma procissão anual que era realizada fora do recinto templário do crocodilo mumificado (RATHBONE, 2005: 147-149). As escavações realizadas por Grenfell e Hunt em 1899 e 1900 nos cemitérios do oeste e sul do sítio, trouxeram à luz crocodilos mumificados preenchidos com rolos de papiros pertencentes à época Ptolomaica.

Na cidade de Narmonthis (Medinet Madi), foi construído um templo para a deusa-cobra Renunetet e o deus-crocodilo Sobek. Tal construção iniciou-se no reinado de Amenemhat III (c. 1844-1797 a.C.). Durante a época Ptolomaica esse mesmo templo teve sua parte posterior anexada a um novo templo dedicado à Ísis. À esquerda de sua porta de entrada vêem-se relevos de Sobek. Próximo ao templo principal foi descoberto, recentemente, um pequeno templo de estilo egípcio construído com tijolos de barro, exceto pelo pilone e portal de entrada. O templo também possui nichos, que eram utilizados para guarnecer os crocodilos mumificados.

Contudo, um dos achados mais significativos de Narmonthis ocorreu em 1999, quando a missão arqueológica das universidades de Piza e Messina escavou um edifício que foi

---

<sup>11</sup> Ver *Description de l'Égypte*, publiée par les ordres de Napoléon Bonaparte, 1994, pp. 453-454.



denominado “Templo C”. Nesse local foi encontrada uma divisão interna (um muro de pedra) com 1,30 m de altura. Na parte leste, os arqueólogos expuseram um pavimento de pedra com continha dois degraus baixos que se direcionavam a uma pequena bacia quadrada. Descobriu-se que esta estrutura, com 30 centímetros de profundidade, se conectava, através de uma abertura do muro, à parte oeste do recinto. A escavação deste, que atingiu 60 centímetros de profundidade, também revelou a presença de trinta ovos de crocodilos. Numa outra área escavada pela missão, chamada de “Anexo III”, que está situada ao norte do primeiro portal do templo, foram encontrados em duas cavidades do pavimento mais sessenta ovos em diferentes estágios de desenvolvimento. Ambos os locais e seus achados confirmam a hipótese de que eram espaços utilizados como criatórios de crocodilos (BRESCIANI, 2005: 204-205).

## **O Culto aos Animais**

No antigo Egito os animais eram vistos como manifestações dos deuses na terra. Acreditava-se que a criatura continha o que os egípcios denominaram *ba*. Trata-se de um conceito que representa uma “transferência de energia, a faculdade de transpor um limite e atuar de um mundo a outro” (TRAUNECKER, 1995: 47). O *ba* divino era uma extensão do poder do deus, como se pode ler no *Livro da Vaca Celeste*: “o crocodilo é o *ba* de Sobek”. Essa crença levou os antigos sacerdotes egípcios a escolherem um animal que era mantido no templo como uma imagem viva do deus. Para algumas espécies, como o crocodilo, devido à grande quantidade de templos dedicados a ele, um ou mais indivíduos eram sustentados nos mesmos, até a morte natural. Os documentos antigos esclarecem como os animais eram tratados a exemplo do que escreveu o historiador grego Heródoto sobre os crocodilos na região de Tebas e do Fayum:

*“Parte dos egípcios (...) que habitam as vizinhanças de Tebas e do lago Méris têm pelos referidos anfíbios muita veneração. Escolhem sempre um para criar e domesticar. Enfeitam-no com objetos de ouro ou com pedras falsas e colocam pequenas correntes ou braceletes em suas patas dianteiras. Nutrem-no com a carne das vítimas e lhe dão outros alimentos apropriados. Enquanto ele vive, cercam-no de cuidados; quando morre, embalsamam-no e depositam-no numa urna sagrada”.* (Heródoto, História: II, 229)

No primeiro século a.C. o geógrafo Estrabão também registrou os cuidados com os crocodilos, em particular, sua alimentação:

*“O crocodilo sagrado é alimentado em um lago separado, os sacerdotes sabem alimentá-lo e o chamam Suchos. Seu alimento consiste em pão, carne, vinho, que cada um dos visitantes estrangeiros lhe traz. É assim que nosso hóspede, personagem considerado no país, que se havia nos oferecido para servir de guia, teve a precaução, antes de partir para o lago, de apanhar sobre a sua mesa um doce, um pedaço de carne cozida e um frasco de hidromel. Encontramos o monstro estendido sobre a margem, os sacerdotes se aproximaram e, enquanto uns lhe afastavam as mandíbulas, outro introduziu goela abaixo o doce, depois a carne, e conseguiu fazer com que ele tragasse o hidromel. Depois disso, o crocodilo se lançou no lago e nadou em direção a margem oposta; mas um outro estrangeiro apareceu, trazendo também a sua oferenda; os sacerdotes tomaram-na das mãos, fizeram a volta do lago correndo e, com o crocodilo dominado, fazem-no tragar da mesma maneira as gulodices que lhe são destinadas.” (Estrabão apud VERCOUTTER, 2002: 25-26)*

Tal como afirmam Heródoto e Estrabão os crocodilos que eram representantes de Sobek na terra eram cercados de cuidados. Com a morte os animais deveriam passar pelo processo de mumificação. Contudo, devido ao seu grande tamanho<sup>12</sup>, os crocodilos tinham as vísceras removidas através de uma incisão no ventre, para somente depois terem seus corpos cobertos pelo natrão. Óleos e resinas eram inseridos na cavidade abdominal e também sobre a pele para preservá-la. Por último, o corpo deveria ser enfaixado com linho e sobre a cabeça colocava-se uma máscara encimada pela coroa de Sobek ou por um disco solar. Uma vez concluído o processo de mumificação, os répteis sagrados eram conduzidos com grande pompa para uma tumba na necrópole das respectivas cidades onde tinham vivido.

Já os crocodilos comuns possuíam um status diferenciado daqueles que eram escolhidos como representantes do deus. Na religião popular tal animal era uma das maneiras, juntamente com as práticas oraculares e a interpretação de sonhos, de se aproximar da divindade. Indivíduos com as mais diversas preocupações esperavam que os deuses pudessem atendê-los, na resolução de seus problemas. Mas, para que isto ocorresse, ex-votos, na forma de múmias, estatuetas e estelas, deveriam ser oferecidos. Acreditava-se que o animal serviria como uma espécie de emissário, uma verdadeira “ponte” entre o indivíduo comum e a divindade. No caso do deus Sobek até mesmo ovos mumificados foram utilizados nessa prática.

Como apontamos anteriormente, em Narmonthis foram entradas estruturas, em especial o “Templo C”, que eram utilizadas como locais de criação de crocodilos. Os ovos eram mantidos

---

<sup>12</sup> Dois exemplares mumificados do Museu do Cairo possuem respectivamente 5,20 m e 4,65 m de comprimento (IKRAM, 2005: 218).

em incubação, mas o nascimento dos animais era controlado. Os recém-nascidos permaneciam no “berçário” apenas por um curto espaço de tempo, pois, na sequência, eram sacrificados. A morte provavelmente ocorria por sufocamento, sendo os sacerdotes os prováveis responsáveis pelo ato.

Os crocodilos deveriam ser embalsamados em um recinto especial destinado à mumificação, chamado de *wabet*, ou “local puro”, para que pudessem ser adquiridos pelos peregrinos. A múmia era então levada para um templo, onde um sacerdote a receberia e a guardaria junto com outros ex-votos. Uma vez por ano o estoque de múmias, estatuetas e estelas, eram levadas para as necrópoles durante uma cerimônia que integrava um festival público. Ao longo dos séculos essa prática legou-nos milhares de múmias de crocodilos que, na atualidade, permanecem nas necrópoles ou podem ser vistas em inúmeros museus em todo o mundo.

### **Origens e breve história da coleção de crocodilos mumificados**

As origens da coleção de múmias e ataúdes de animais do Museu Nacional, bem como a maior parte das peças egípcias, remonta à terceira década do século XIX. A célebre história de Nicolau Fiengo, um comerciante italiano, que chegou ao Rio de Janeiro no dia 14 de junho de 1826, como passageiro navio francês *Gustave Annce*, é bem documentada nas fontes escritas disponíveis no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e nos arquivos do Setor de Arqueologia do Museu Nacional.

Segundo o *Astrea*, Nicolau Fiengo partiu de Marselha com destino à América do Sul. Por motivo de bloqueio no Rio da Prata, o italiano não conseguiu realizar nenhum negócio na Argentina, provável país onde celebraria a venda dos artefatos. Frustrado, permaneceu alguns dias Montevideú até rumar para o Rio de Janeiro, aonde chegou em junho de 1826. Um aviso correspondente, conservado no Arquivo Nacional, datado de 24 de junho do mesmo ano, nos informa que a embarcação em que Fiengo estava foi vistoriada “a fim de se conhecer se ella pode ou não ser de boa preza por ter violado o Bloqueio”. As antiguidades foram ainda inspecionadas, pois o juiz interino da alfândega queria ter certeza se a coleção não estava vendida à “República de Buenos Aires”. A resposta em outro aviso correspondente, datado de 19 de agosto de 1826, foi a liberação dos “volumes do suplicante”. Após a retirada das antiguidades, Fiengo organizou uma exposição pública que durou aproximadamente oito meses. A compra dos artefatos egípcios, e

sua posterior doação para o Museu Real, deve-se aos conselhos de José Bonifácio ao Imperador D. Pedro I, que os adquiriu oficialmente em 3 de abril de 1827.

Com as fontes escritas que dispomos, dois jornais da época e um inventário, podemos afirmar que os animais mumificados da coleção foram todos adquiridos em 1827. Embora o *Astrea*, de 29 de julho de 1826, não mencione nenhuma múmia de crocodilo, um outro texto escrito no mesmo jornal, de 19 de setembro de 1826, confirma a existência dos mesmos. Esse último foi produzido pelo “carioca constitucional” Basílio Ferreira Gulart, com certa indignação, logo após sua visita à exposição pública das peças que havia sido organizada por Fiengo:

*“Também ali se falou em Gatos do Egito: por mais que acanhasse as pupilas dos olhos, não vi o que era, apenas humas capas, e huns embrulhos nojentos; vi huma porção de um Lagarto; e foi pena não passar por algum filhinho dos Crocodilos; (...)”* (p. 150)

O registro das múmias de filhotes de crocodilo foi posteriormente elaborado pelo primeiro egiptólogo brasileiro, Alberto Childe, em duas cadernetas redigidas em próprio punho. Na descrição dos itens, Childe atribuiu o “Fayum” como provável local de origem dos espécimes. Em 1960 as múmias de crocodilo foram incluídas em um novo inventário do Museu, mas sem detalhes.

A publicação do catálogo da coleção egípcia<sup>13</sup> pelo egiptólogo inglês Kenneth Kitchen e pela arqueóloga Maria Beltrão resultou no primeiro estudo completo de toda o acervo egiptológico do museu. Contudo, novamente, os crocodilos permaneceram sem maiores detalhes, pois apenas o inventário de 1960 foi reproduzido<sup>14</sup>.

Em 1998, os signatários do presente artigo iniciaram um trabalho de pesquisa que visava o levantamento, identificação, descrição, estado de conservação, entre outros itens, de toda a coleção de múmias humanas e de animais do acervo do Museu Nacional. Para o estudo dos exemplares, desenvolvemos uma metodologia própria, baseada na análise visual macroscópica e por lupa eletrônica. Assim, o que será exposto a seguir constitui um estudo inédito das múmias e fragmentos de crocodilo da referida coleção.

---

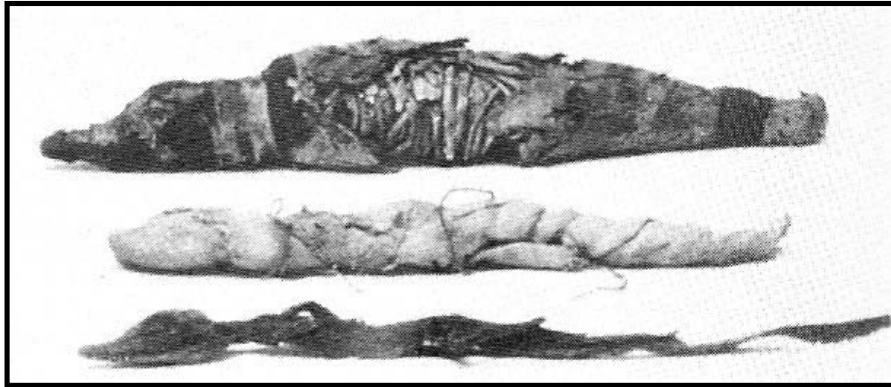
<sup>13</sup> KITCHEN, K. A. & BELTRÃO, M. C. Catálogo da Coleção do Egito Antigo existente no Museu Nacional, Rio de Janeiro. Warminster: Aris & Phillips, 1990, 2v.

<sup>14</sup> Ibidem pp. 230-232.

## **Filhotes de Crocodilo Mumificados**

Período Greco-Romano

Coleção Fiengo, oferecidas por D. Pedro I.



**Figura 1: De cima para baixo os crocodilos: N° 234, N° 268 e N° 269. Referência: KITCHEN, K. A. & BELTRÃO, M. C. Catálogo da Coleção do Egito Antigo existente no Museu Nacional, Rio de Janeiro. Warminster: Aris & Phillips, 1990, v.2, p. 211.**

### **Exemplar N° 234:**

**Comprimento: 29,5 centímetros.**

Esta pequena múmia de um filhote de crocodilo é a única do acervo do Museu Nacional que apresenta um envoltório completo, disposto em camadas parcialmente conservadas. A cabeça encontra-se envolvida por duas camadas de tecidos de linho. Na parte superior vê-se a parte interna, constituída a partir de faixas de linho de coloração amarelada, que foram utilizadas como enchimento. A camada externa, cujos restos estão preservados nas laterais e na parte inferior, foi pintada na cor preta. Na parte inferior esquerda há vestígios de decoração, que estava sobreposta à camada externa.

No pescoço conservam-se três faixas com aproximadamente um centímetro de largura que, originalmente, deveriam manter a camada externa unida, além de estarem integradas à decoração.

O corpo apresenta uma grande quantidade de enchimentos. A camada interna é formada por fibras de origem vegetal que serviram como enchimento para a reconstituição da forma natural do animal. Sobre essas fibras há um envoltório simples, feito com tecido de linho, que serviu para estabilizar a estrutura anteriormente descrita. Acima da última camada descrita, pode-

se observar restos da decoração. Há fragmentos ao redor do pescoço, na parte inferior do peito e na parte central, cujo estado de conservação é precário.

A cauda está envolvida por diversas camadas de linho e foi igualmente decorada, pois há uma sequência de faixas de cor preta, com largura máxima de 2 centímetros, na parte central. Já a porção distal encontra-se quebrada, sendo possível observar restos do tecido de linho da parte interna.

**Exemplar N° 268:**

**Comprimento: 24,5 centímetros.**

Múmia de um filhote de crocodilo envolvido em tecido de linho. Trata-se do único exemplar do museu que contém um envoltório simples formado, provavelmente, por uma única camada de tecido. A largura média da(s) faixa(s) é de aproximadamente quatro centímetros e se encontram em bom estado de conservação.

Durante o estudo dessa múmia, não foi possível observarmos o estado interno da mesma, já que para isso seria necessário um exame não invasivo. O cordão amarrado ao pescoço do crocodilo possui origem moderna, pois era utilizado para sustentar a antiga etiqueta de numeração da peça.

**Exemplar N° 269:**

**Comprimento: 28 centímetros.**

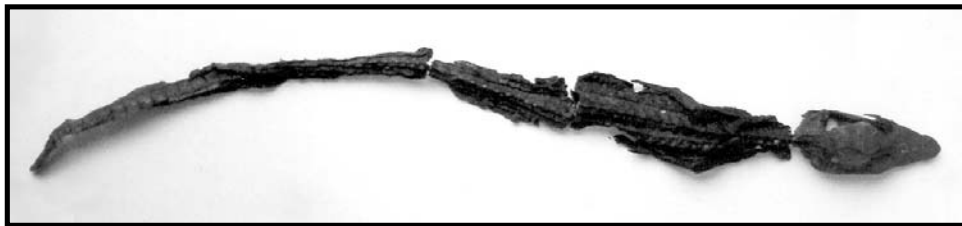
Embora Childe tenha mencionado em sua catalogação a presença de faixas nesse exemplar, estas foram posteriormente removidas. A pequena múmia de um filhote de crocodilo apresenta coloração marrom acinzentada e encontra-se em bom estado de conservação, embora tenha sido quebrada em duas partes, com uma fratura na região torácica. Na parte anterior, a cabeça está completa, com a boca e as pálpebras cerradas. Os dentes expostos, de cor branca amarelada, estão em perfeito estado de conservação.

No pescoço pode-se observar o contorno das vértebras cervicais sob a pele, de aparência rugosa. Os membros anteriores estão estendidos ao longo do tórax, contudo, no esquerdo, há uma fratura na diáfise do úmero. O membro direito está completo e bem conservado.

A parte posterior do crocodilo encontra-se completa, com a pele rugosa em bom estado de conservação. Os membros posteriores estão completos, estendidos junto à cauda. Essa última, também completa, apresenta-se semi-torcida.

**Exemplar N° 270:**

**Comprimento: 28,5 centímetros.**



**Figura 2: Crocodilo N° 270; Foto de Martha Locks.**

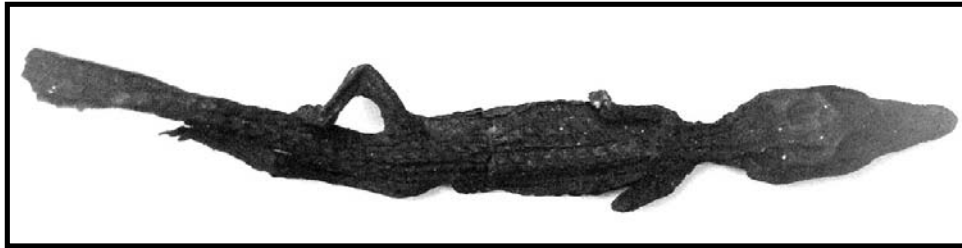
Múmia de filhote de crocodilo de cor marrom acinzentado, fragmentada em seis partes, com diferentes níveis de conservação. O crânio está quebrado no lado esquerdo, área que corresponde à totalidade e/ou parte dos ossos jugal, quadratojugal, pós-frontal, parietal, e no arco temporal escamoso. Devido à fratura no crânio, as pálpebras do lado esquerdo não se conservaram. A da direita, em parte, está fragmentada. Abaixo da mandíbula, restaram poucos vestígios de pele. Os dentes presentes estão bem conservados.

Do pescoço à região lombar, área que corresponde ao segundo fragmento, a pele enrugada está bem preservada, e não apresenta nenhum vestígio de enchimento. Os membros anteriores estão estendidos ao longo do corpo. Na pata esquerda, o 4º dedo está quebrado na falange medial, enquanto que na direita, falta o 1º dedo.

O terceiro fragmento, correspondente à região lombar, possui três vértebras expostas e sua conservação é precária. Os prováveis membros posteriores desse exemplar (quarto e quinto fragmentos) se encontravam na caixa do crocodilo n° 274. Ambos estavam bem conservados, em posição estendida, excetuando pela falta da unha do 2º dedo da pata esquerda. O sexto e último fragmento corresponde à cauda, que se encontra fraturada na porção do terço proximal. O restante da mesma encontra-se completa e bem preservada, torcida para o lado esquerdo.

**Exemplar N° 271:**

**Comprimento total: 24,3 centímetros.**



**Figura 3: Crocodilo N° 271; Foto de Martha Locks.**

Múmia de filhote de crocodilo de cor marrom acinzentada em bom estado de conservação, no entanto quebrada na região abdominal. Na parte anterior, o crânio está completo com a boca e as pálpebras fechadas. Os dentes, de coloração branca amarelada estão visíveis e bem conservados. Na parte inferior, a mandíbula está intacta com a pele esticada em excelente estado de conservação. Entre o crânio e o pescoço nota-se apenas uma pequena avaria no lado esquerdo. O pescoço possui a pele rugosa, tal como o restante do tórax. Os membros anteriores estão fletidos, com as patas, bem conservadas, dispostas sob a região torácica. Na parte proximal do úmero esquerdo a pele apresenta-se fraturada, o que deixou o osso à mostra.

A parte posterior do animal possui uma perda na área da fratura que a separa da região anterior, o que não propicia um encaixe perfeito. O membro posterior esquerdo, bem preservado, encontra-se estendido junto da cauda, ao contrário do homólogo direito que está semi-fletido e também completo. A cauda estendida, com uma pequena torção para o lado direito, está incompleta, pois lhe falta a ponta.

**Exemplar N° 272:**

**Comprimento total: 20 centímetros.**



**Figura 4: Crocodilo N° 272; Foto de Martha Locks.**



Múmia de filhote de crocodilo de coloração marrom acinzentada, fragmentada em três partes, com diferentes níveis de conservação. O primeiro fragmento corresponde ao crânio. Este se encontra avariado no lado direito com diversos ossos quebrados ou perdidos, respectivamente: lacrimal, jugal, quadratojugal, arco lateral temporal e escamoso. Com as avarias, as pálpebras direitas perderam-se. Já as esquerdas encontram-se fechadas. Na parte inferior do crânio houve danos em dois ossos: parte do palatino e do ectopterigóide. A mandíbula encontra-se desencaixada e a pele da porção inferior está muito fragmentada.

O segundo fragmento corresponde à parte anterior do pescoço até as vértebras torácicas/lombares. O membro anterior direito está completo, aderido ao corpo e em bom estado de conservação, enquanto que o homólogo esquerdo foi quebrado na articulação proximal do úmero. A pele na região ventral é rugosa, tal como se pode observar nos outros exemplares.

O terceiro fragmento desse animal corresponde à área da região das vértebras lombares até a porção medial da cauda. Os membros posteriores estão semi-fletidos, bem conservados, exceto pela ausência das falanges distais dos 1º, 2º e 3º dedos e da unha do 4º dedo do membro esquerdo. A porção da cauda que se conservou está estendida.

**Exemplar N° 273:**

**Comprimento total: 28,5 centímetros.**



**Figura 5: Crocodilo N° 273; Foto de Martha Locks.**

Múmia de filhote de crocodilo de cor marrom acinzentada, fragmentada em quatro partes com diferentes níveis de conservação. O crânio, separado do corpo pela perda de algumas vértebras do pescoço, está quase completo. Nota-se apenas alguns danos no osso temporal e arcada supra temporal no lado direito. As pálpebras do olho direito, bem como a inferior esquerda, não se conservaram, restando somente parte da pálpebra superior esquerda. Os

pequenos dentes, de cor branca amarelada, estão expostos. A área inferior da mandíbula possui a pele fragmentada, em estado regular de conservação.

O segundo fragmento corresponde a uma parte do pescoço até as vértebras torácicas. O pescoço está fraturado e permanece junto ao tórax. Os membros anteriores, pressionados junto ao corpo, estão estendidos. A pata direita esta completa; já na esquerda percebe-se a ausência das falanges distais no 2º e 4º dedos. O tórax possui a parte ventral muito próxima à dorsal, o que caracteriza a ausência de enchimentos. O dorso do animal contém uma pequena parte impregnada com resina negra brilhosa.

O outro fragmento une-se ao anterior por uma fratura que se encaixa perfeitamente na região das vértebras torácicas. Já a parte posterior, que corresponde às vértebras torácicas/lombares, não conservou o encaixe devido a seu estado precário.

A quarta e última parte desta múmia de crocodilo corresponde à região das vértebras lombares à ponta da cauda. Os membros posteriores estão completos, com unhas de coloração amarronzada, e estendidos junto à cauda, que se encontra torcida para o lado direito, faltando apenas a ponta.

A face ventral do animal apresenta-se rugosa. Uma amostra do interior foi retirada da região abdominal para análise posterior. Ao verificarmos a mesma, através de uma lupa eletrônica, encontramos fragmentos de quartzo, resina vegetal de coloração negra e, provavelmente, silte de coloração amarronzada.

### **Fragmentos de múmias de crocodilos correspondentes ao Exemplar N° 274:**

Na caixa que originalmente deveria conter os restos do crocodilo n° 274, foram encontrados muitos fragmentos que pertencem não a um indivíduo, mas a vários. No conjunto estavam respectivamente: três pares de membros posteriores, um membro posterior esquerdo e um membro anterior direito. Todos estavam completos, semi-estendidos, a exceção de um membro posterior cuja pata desapareceu. Entre os fragmentos havia também cinco partes de caudas, sendo que duas delas pertenceriam ao mesmo animal e outras três não se encaixaram.

Dentre os fragmentos a que foi possível atribuímos uma identificação precisa, verificamos que três partes de cauda pertenciam originalmente ao crocodilo n° 234, de coloração amarronzada. Um dos três pares de membros posteriores, que se encaixaram perfeitamente na

cintura pélvica correspondente, pertencia ao crocodilo nº 270. Outrossim, o único fragmento identificado que pôde ser atribuído ao crocodilo nº 274 foi a cabeça com parte do pescoço que também estava na caixa. Esta se encontra completa, com boca e pálpebras fechadas em excelente estado de conservação.

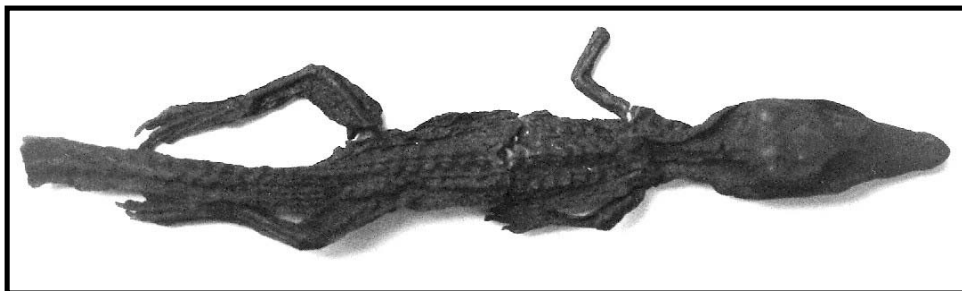


**Figura 6: Restos de crocodilo encontrados na caixa correspondente ao exemplar N° 274; Foto de Martha Locks.**

Junto aos fragmentos supracitados, notamos também a presença de pequenos ossos de um crânio de uma ave, cuja identificação foi impossibilitada devido a seu estado precário de conservação.

**Exemplar N° 275:**

**Comprimento total: 19,7 centímetros.**



**Figura 7: Crocodilo N° 275; Foto de Martha Locks.**

Múmia de um filhote de crocodilo, de coloração marrom acinzentada, quebrada em quatro partes. O primeiro fragmento correspondente ao conjunto formado pela cabeça, pelo pescoço, pelo membro anterior direito até a região das vértebras torácicas. A cabeça encontra-se bem conservada com pele de coloração escura, quase negra, com boca e pálpebras cerradas. Os dentes presentes também estão bem preservados. O pescoço, tal como a região torácica, contém a pele rugosa. O membro anterior direito está completo e estendido junto ao tórax.

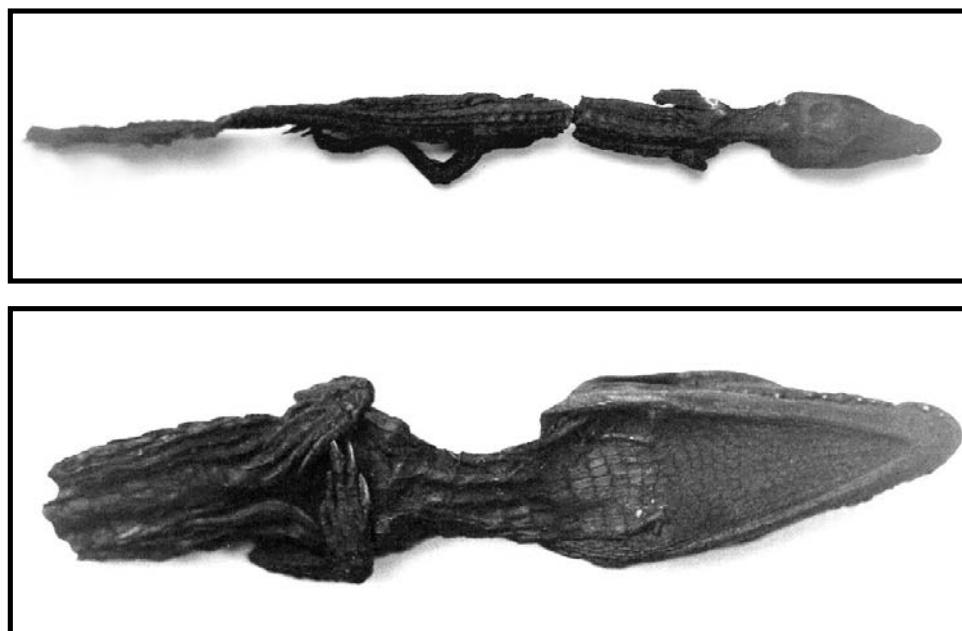
O segundo fragmento da presente múmia é o membro anterior esquerdo, que está quebrado na área da epífise proximal do úmero e na região do carpo. Falta-lhe a pata.

Outra parte deste indivíduo corresponde à região das vértebras lombares até o terço medial da cauda. A cintura pélvica, com o contorno dos ossos visíveis sob a pele bem marcada, conserva o membro posterior direito estendido e completo. A cauda estendida está incompleta, tendo sido quebrada no terço medial.

O quarto e último fragmento corresponde ao membro posterior esquerdo. Este se encontra fraturado na região da tróclea do fêmur, e falta-lhe a falange distal do 1º dedo.

**Exemplar N° 277:**

**Comprimento total: 22,5 centímetros.**



**Figuras 8 e 9: Crocodilo N° 277 inteiro e detalhe; Fotos de Martha Locks.**

Múmia de um filhote de crocodilo de coloração marrom acinzentado, em estado razoável de conservação. Há uma fratura na região abdominal que dividiu o animal ao meio, bem como outras perdas mencionadas a seguir.

A parte anterior, ou primeiro fragmento, corresponde do crânio à região abdominal. A cabeça encontra-se intacta, com a boca e as pálpebras fechadas. Os dentes de cor branca amarelada estão visíveis e completos. O pescoço não apresenta nenhum dano e possui a pele rugosa. O tórax está bem conservado, ao contrário dos membros anteriores que apresentam algum dano. O membro anterior esquerdo está quebrado na diáfise do rádio-cúbito, parcialmente desarticulado com o úmero; já o homólogo direito encontra-se igualmente quebrado.

A porção posterior do corpo do crocodilo corresponde à da região lombar à parte da cauda. Os tecidos orgânicos encontram-se bem conservados. Nota-se certa protuberância na região ventral, contudo não se trata de nenhum enchimento. Os membros posteriores estão completos, em bom estado de conservação. O membro direito está em posição estendida, enquanto que o esquerdo, apresenta-se semi-fletido. Verificou-se a ausência da falange distal do terceiro dedo. A cauda está torcida para o lado esquerdo, e se apresenta incompleta, pois lhe falta a ponta.

### **Algumas considerações sobre as múmias de crocodilos analisadas**

Ao realizarmos as descrições dos exemplares do Museu Nacional, pudemos notar diversos aspectos sobre a mumificação dos crocodilos. Embora muitos não estejam bem conservados, as fraturas e danos visíveis não foram produzidos pelos antigos embalsamadores, mas pelo manuseio indevido provavelmente ainda no século XIX ou no século XX. De acordo com a descrição encontrada nas cadernetas de Childe havia mais exemplares enfaixados, além dos dois que conservam os envoltórios originais. Assim, não descartamos a possibilidade do desenfaixamento estar associado ao mau estado de conservação.

Todos os crocodilos são animais jovens com proporções corporais semelhantes, conforme as medidas que oscilaram entre 19 e 28,5 centímetros, embora faltem partes da cauda em alguns exemplares. Estes espécimes provavelmente tiveram o seu nascimento em cativeiro, tal como demonstrou a descoberta do criatório de Narmonthis, mas é difícil traçar uma proveniência exata.

A ausência de fraturas nos exemplares que estão em melhor estado de conservação, condiz com a hipótese de que os filhotes de crocodilo eram mortos por asfixia. Os sacerdotes provavelmente vedavam as narinas dos animais com os dedos, impedindo a respiração até a morte. Não encontramos nenhuma marca ou corte destinado à evisceração dos crocodilos, o que nos indica que os espécimes mortos eram colocados diretamente no natrão para serem desidratados. Com a secagem os animais eram submetidos ao enfaixamento e, em alguns deles, pode-se verificar o uso de resinas. Os únicos dois crocodilos que conservam os envoltórios nos mostram dois tipos de arranjos: um simples (exemplar número 264), e outro mais complexo (exemplar número 234). Neste último o formato final da múmia foi obtido pela colocação de um material vegetal, talvez uma espécie de junco, que teve a sobreposição de uma camada de tecido de linho decorado.

Ao final de sua preparação, é praticamente certo que as múmias foram adquiridas por peregrinos em busca da solução para algum problema. Documentos contemporâneos aos exemplares que analisamos nos mostram os mais diversos pedidos como, por exemplo, a da cura para doenças.

Embora tenhamos certeza de como as múmias chegaram ao Museu Nacional, quase nada pode ser mencionado sobre sua proveniência. Durante a fase do antiquarismo na Arqueologia, não havia nenhum método de registro e artefatos como o qual se dispõe eram encarados apenas como curiosidades. Assim devido à existência de inúmeras localidades que mantinham culto ao crocodilo, não podemos atribuir, uma referência direta. Contudo alguma área do Fayum, talvez represente um possível local de origem.

## **Considerações Finais**

O crocodilo, dentre os animais da fauna nilótica, era um dos mais temidos pelos egípcios. Pôde-se observar que as fontes antigas, tanto da época pré-dinástica quanto da dinástica, não esgotam as referências aos crocodilos. Ao analisá-las percebe-se uma dualidade. Por vezes o animal é um símbolo de proteção, mas por outro lado ele representa o perigo. Os egípcios o escolheram como uma insígnia da divindade Sobek, que ora era representado como um crocodilo, ora como um homem com cabeça de crocodilo. Associado a outros deuses, Sobek simbolizava o

poder do sol; era o responsável pela cheia e pelo verdejar das plantações. Em seu principal centro de culto, o Fayum, o deus foi associado ao demiurgo criador do mundo.

Ao longo de toda a história do Egito faraônico e greco-romano, importantes centros de culto ao réptil, em suas diversas formas, se desenvolveram. Em Sumeru, Kom Ombo, Elkab, Esna, Crocodinópolis, Bacchias, Soknopaiou Nesos, Dionysias, Theadelphia, Tebtunis e Narmouthis, inúmeros templos e monumentos foram erigidos em honra às formas locais do deus Sobek. Nestes sítios, os exploradores à procura de antiguidades e os arqueólogos, através das escavações, trouxeram à luz milhares de múmias de crocodilos, sendo estas de duas categorias: uma minoria pertencente a animais sagrados, e a outra parte, a grande maioria, era composta por crocodilos embalsamados oferecidos como ex-votos.

Nos centros de culto, alguns crocodilos eram selecionados para servirem de representante de Sobek na terra e, tal como registraram Heródoto e Estrabão, os animais eram enfeitados com jóias, nutridos pelos sacerdotes e pelos visitantes. Ao morrerem naturalmente eram submetidos ao ritual de embalsamamento e, ao final desta etapa, eram enterrados com status de divindade. Já os crocodilos comuns tinham um destino diferenciado. Muitos eram criados em cativeiros e sacrificados para servirem como ex-votos para peregrinos que buscavam a resolução de seus problemas. A esta prática da religião popular pertencem as múmias de crocodilos do Museu Nacional que analisamos. Tais exemplares nos ajudaram a compreender e confirmar alguns dos procedimentos feitos pelos sacerdotes antigos, durante a preparação dos animais e, também, nos auxiliaram no entendimento de uma das práticas mais comuns da religião popular egípcia, a dos ex-votos.

## **FONTES PRIMÁRIAS**

**Astrea.** Rio de Janeiro, 29 de julho de 1826, nº 37.

**Carta de Basílio Ferreira Goulart.** *Astrea*, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1826.

ALLEN, T. G. **The Book of the Dead or going forth by day.** Chicago: The University of Chicago Press, 1974.

ARAÚJO, E. **Escrito para a Eternidade:** a literatura no Egito faraônico. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

**Description de l'Égypte,** publiée par les ordres de Napoléon Bonaparte. Köln: Taschen, 1994.

HERÓDOTO. **História**: estudo crítico por Vitor de Azevedo. São Paulo: Ediouro, 2001.

LICHTHEIM, M. **Ancient Egyptian Literature**. Berkeley: University of California Press, 1975, v.1.

**Musée d'Art Égyptien Ancien de Louxor**. Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1985.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, J. P. **The Art of Medicine in Ancient Egypt**. New York: Metropolitan Museum of Art, 2005.

BAINES, J. & MÁLEK, J. **O Mundo Egípcio**: deuses, templos e faraós. Madri: Edições Del Prado, 1996, v.1.

BRIER, B. **Ancient Egyptian Magic**. New York: Perennial/ Harper Collins Publishers, 2001.

BRESCIANI, E. "Sobek, Lord of the Land of the Lake". *In*: IKRAM, S. (ed.) **Divine Creatures Animal Mummies in Ancient Egypt**. Cairo: The American University in Cairo Press, 2005.

CLARYSSE, W. "Kom Ombo (Omboi)". *In*: BAGNALL, R. S. & RATHBONE, D. W. (ed.). **Egypt: from Alexander to the early Christians**. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 2004.

\_\_\_\_\_, "Esna (Latopolis)". *In*: BAGNALL, R. S. & RATHBONE, D. W. (ed.). **Egypt: from Alexander to the early Christians**. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 2004.

GERMOND, P. & LIVET, J. **Na Egyptian Bestiary**: animals in life and religion in the Land of the Pharaohs. London: Thames and Hudson, 2001.

HORNUNG, E. & BRYAN, B. M. (ed.). **The Quest for Immortality**: treasures of ancient Egypt. New York: Prestel, 2002.

HOULIHAN, P. F. **The Animal World of the Pharaohs**. London: Thames and Hudson, 1996.

IKRAM, S. "Divine Creatures: animal mummies". *In*: IKRAM, S. (ed.) **Divine Creatures Animal Mummies in Ancient Egypt**. Cairo: The American University in Cairo Press, 2005.

KITCHEN, K. A. & BELTRÃO, M. C. **Catálogo da Coleção do Egito Antigo** existente no Museu Nacional, Rio de Janeiro. Warminster: Aris & Phillips, 1990, 2v.

LECA, A-P. **La Médecine Égyptienne au Temps des Pharaons**. Paris: Les Éditions Roger Dacosta, 1988.



PAYSÁS, J. M. “Un ex-voto a Sobek en la colección Ogdon”. **Aegyptus Antiqua**. v. 6-7, 1989. p.27-32.

PINCH, G. **Egyptian Mythology: a guide to the gods, goddesses and traditions of ancient Egypt**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

RATHBONE, D. “The Fayyum”. *In*: BAGNALL, R. S. & RATHBONE, D. W. (ed.). **Egypt: from Alexander to the early Christians**. Los Angeles: The J. Paul Getty Museum, 2004.

SOUZA, N. J. S. **Contribuição à história da Coleção Egípcia do Museu Nacional do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Publicação do Autor, 1999.

TIRADRITTI, F. (org.). **Tesouros do Egito do Museu Egípcio do Cairo**. São Paulo: Manole, 1998.

TRAUNECKER, C. **Os Deuses do Egito**. Brasília: Editora UNB, 1995.

VERCOUTTER, J. **Em busca do Egito esquecido**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

WILKINSON, R. **The Complete Gods and Goddesses of Ancient Egypt**. London: Thames and Hudson, 2003.